

15 MAR 1996

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Sarney diz que é vítima, não algoz

O presidente do Senado, José Sarney, se recusa a assumir o papel de chefe da oposição e, quando declina deste convite explicitado pela solidária romaria oposicionista ontem a seu gabinete, rejeita também o carimbo de algoz do governo Fernando Henrique Cardoso. "Eu sou uma vítima", diz ele.

Sarney usa a palavra "vítima", mas a irritação que deixa transparecer a seguir e a argumentação que utiliza para defender o raciocínio levam o interlocutor a acreditar que ele queira dizer que se sente usado como "bode expiatório" para os males de que sofre o governo no Senado e no Congresso.

Isso porque na visão dele a CPI dos Bancos não saiu por ação da presidência do Senado, mas apenas foi consequência da explosão de insatisfação generalizada que existe ali com o presidente da República. Por motivos os mais variados. Desde os nobres aos fisiológicos. Sarney não considera que tenha pertencido a ele a posição de atacante inicial.

Pode ter servido como elemento catalisador de uma reação que há muito vinha crescendo, mas insiste que não foi dele a iniciativa. O presidente do Senado, de viva voz, recusa-se a qualquer avaliação mais profunda sobre os desdobramentos da CPI. Mas quem convive com ele avalia que, do fundo do coração, não pretendia que as coisas tomassem o rumo do beco sem saída.

Sarney opta pela dubiedade e em momento algum diz se prefere que haja ou que não haja CPI. Ao mesmo tempo, no entanto, afirma com dureza que ao governo caberia agora tomar uma posição firme e clara a respeito do que se passa nos porões do sistema financeiro. "O presidente ainda está devendo um esclarecimento quanto a isso." Se é a CPI o instrumento melhor, Sarney remete a decisão "aos partidos".

Mas, quando se pergunta a ele a respeito do espaço que o governo teria para recuar, Sarney responde sem vacilar: "Todo o espaço do mundo." Como? Não é problema dele. Está claramente na posição de deixar Mateus ao embalo de quem lhe deu a luz.

Com Fernando Henrique, Sarney se recompõe, mas a Tasso reserva artilharia pesada

Fala que suas relações pessoais com Fernando Henrique são cordiais, mas deixa absolutamente claro que não abre mão da certeza de que os problemas surgem do Palácio em direção ao Parlamento e não transitam na mão contrária. O exemplo mais recente desse raciocínio foi a declaração do governador Tasso Jereissati, que o chamou de "leviano e irresponsável".

As desculpas vindas de Tóquio pela boca de Fernando Henrique satisfizeram do ponto de vista formal, aquele das aparências em cima do qual sustenta-se a política. Mas nem por isso José Sarney considera-se um milímetro sequer redimido pelo que disse Tasso Jereissati. Quanto a este, o assunto será tratado com mais dureza.

De novo Sarney não embarca no confronto direto. Diz diante das câmeras de televisão que não responderá ao governador do Ceará nem tomará conhecimento de suas críticas. Quem o conhece e convive diariamente com ele, no entanto, já ouviu a avaliação de que Tasso, no mínimo, cometeu uma "burrada".

Levou Sarney não para a oposição — como finge acreditar a própria para ver se tira bom proveito daquilo que na verdade considera uma briga *da direita*. Mas conseguiu reforçá-lo como elemento aglutinador das queixas gerais.

Além disso, Tasso Jereissati provocou mágoas cujo pano de fundo é uma alegada ingratidão. No grupo de Sarney — o antigo, não esse formado por vassalos de ocasião — há reconhecimento geral de que na eleição de 1994 o então candidato a governador do Ceará ajudou substancialmente a então candidata do Maranhão, Roseana Sarney.

Mas ali agora revolvem-se certas lembranças. O apoio de Sarney a Tasso contra Adauto Bezerra na eleição de 1986 para o governo do Ceará, a briga do então presidente da República com Ulysses Guimarães para fazer de Tasso ministro da Fazenda é o suporte dado pelo presidente Sarney ao empresário Jereissati.

E assim, discretamente, fala-se que a questão a respeito das negociações do governador com Ângelo Calmon de Sá para a compra da Coca-Cola é apenas uma num mar de outras complicações que Sarney poderia criar para ele.

E, pelo tom da irritação, a intenção presente é pelo menos inviabilizar os negócios com o ex-dono do Econômico. Está perfeitamente explicitada a intenção de criar constrangimentos tais que o Ministério da Fazenda e o Banco Central não tenham condições políticas de avalizar a compra de parte dos bens indisponíveis do banqueiro baiano.

Resumindo, a briga com Fernando Henrique pode até ter concerto, mas contra Tasso Jereissati a ofensiva será mais pesada.

O presidente do Senado não dá pistas concretas sobre o destino da CPI dos Bancos, mas pelos menos deixa claro o principal: a bola está com Fernando Henrique. Tudo dependerá da intensidade que o presidente imprima ao próximo lance.